



Escola Estadual Venezuela, um lugar de memórias e vivências

Ana Cristina Polo *

Gabriela Spies da Rosa **

Resumo: Este trabalho apresenta o relato de uma experiência de docência compartilhada, desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Pedagogia/UFRGS, no segundo semestre de 2012, em uma escola da rede estadual de ensino, localizada em Porto Alegre/RS. O trabalho realizado aproxima-se do ensino de História nos anos iniciais de escolarização, campo de conhecimento comumente pouco valorizado como prioridade curricular. Para tanto, elegeu-se o tema do patrimônio cultural, abordado de diferentes formas em sala de aula. Os encontros iniciaram com a apresentação do conceito de patrimônio, partindo do planejamento de ações que envolvessem as memórias dos alunos e as memórias da escola e de seu entorno. Assim, nosso objetivo era que os alunos pudessem construir um conceito de patrimônio reconhecendo-se como personagens atuantes do local onde estudam e vivem.

Palavras-Chave: Patrimônio. Memória. PIBID

Abstract: The present study reports the experience of shared teaching, developed by students of the Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarship (PIBID), a Pedagogy subproject/UFRGS, in the second half of 2012, in a public school, located in Porto Alegre/RS. The study approaches the teaching of history in the early years of schooling, field of knowledge commonly underrated as a curriculum priority. Therefore, the theme of cultural heritage was chosen, and it was approached in different ways in the classroom. The meetings began with the presentation of the concept of heritage, starting by the planning of actions involving the memories of the students and the memories of the school and its surroundings. Thus, our goal was that students could build a concept of heritage recognizing themselves as active characters of where they study and live.

Keywords: Heritage. Memory. PIBID

* UFRGS
** UFRGS



O PIBID Pedagogia

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências vividas por duas bolsistas no PIBID¹/Pedagogia, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela, no segundo semestre do ano de 2012. O trabalho foi realizado com três turmas que estavam no quarto ano do Ensino Fundamental.

O que abordamos neste artigo são nossas práticas docentes, acerca do conceito de Patrimônio Cultural, tema este escolhido por ser pouco compreendido na contemporaneidade, talvez ainda pouco discutido na escola.

Quando falamos sobre este assunto, logo pensamos em edificações, monumentos, ou seja, o patrimônio como algo que só alguns têm, que pertence a um seletor grupo de pessoas. Entretanto, durante os estudos realizados, percebemos que o conceito vai muito além dessa ideia rasa do senso comum, ele dialoga, por exemplo, com as ancestralidades específicas de cada etnia. Por patrimônio entendemos as manifestações culturais traduzidas nos saberes e práticas transmitidos através das gerações. Também são objetos e lugares que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua cultura. Nesse sentido, promovem o desenvolvimento da autoestima dos grupos culturais e o estabelecimento de diálogos enriquecedores entre as gerações.

A partir do que pesquisamos, percebemos que as histórias de vida daqueles alunos não estavam contempladas nem nos livros didáticos, nem nas propostas curriculares da escola. Decidimos então ir por outro caminho, trabalhando as suas memórias, consideradas seu primeiro patrimônio, para que assim valorizassem a sua trajetória e de seus antepassados.

Às vezes, as vivências dos alunos não nos parecem tão interessantes e acabam sendo esquecidas, nas aulas de História acabam sendo lembrados os grandes nomes, aqueles que foram considerados heróis. Mas, após os estudos que fizemos, nos perguntamos: Quem, além deste seletor grupo, faz parte disso tudo? Para os estudantes daquela escola, a história de seus ancestrais não pareciam relevantes, pois o currículo é engessado e trabalha apenas com os nomes ditos importantes. Segundo as autoras Dóris Bittencourt Almeida e Carmem Zeli de Vargas Gil

¹ PIBID – Programa Institucional de Iniciação a Docência



Houve um tempo em que os historiadores valorizavam a política como a dimensão principal da História. [...] Assim, os homens, protagonistas da História, eram os reis, imperadores, presidentes, governadores, aqueles que lideravam os territórios delimitados por um poder. Essa compreensão das ações humanas no tempo resultou em uma escrita da História com base em grandes feitos [...] de grandes personagens [...]. Muito bonito para alimentar os discursos que buscam a glorificação de alguns. Porém, pouco útil para a vivência cidadã, pois essa forma de contar a História pode tornar o aluno passivo diante da realidade, já que, para fazer algo, é preciso ser dotado de qualidades que só alguns, os heróis, possuem. (2012, p. 42)

Percebemos no currículo da escola a valorização dos heróis e dos grandes feitos, dos quais aqueles alunos e seus familiares não faziam parte. Eles não conheciam a história de seu povo, ou só parte dela contada por outros. Assim como a história da escola não era contada para os estudantes, fazendo com eles não se sentissem parte ativa daquele local.

A partir disso decidimos que tornar os alunos protagonistas de sua história, valorizando as suas vivências naquele espaço seria importante para que se sentissem sujeitos daquele lugar onde vivem, seja da escola, do bairro, da cidade, etc.

Contextualizando a escola, sua história e seu entorno

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela localiza-se no Bairro Medianeira, na cidade de Porto Alegre/RS. A rua aonde se localiza a instituição é movimentada e de bastante tráfego, pois vários ônibus passam por ali, tanto em direção ao centro quanto em direção a diversos bairros. Perto da escola, estão localizadas as comunidades das Vilas Cruzeiro e Tronco, lugares de onde vem a maioria dos estudantes. Na Vila Tronco, em razão da Copa do Mundo que será realizada no Brasil em 2014, os moradores estão sendo retirados de lá e a prefeitura se comprometeu a indenizar os moradores que tiverem a casa em seu nome em cinquenta e dois mil reais. Essas informações foram obtidas a partir de conversas informais feita com a Vice-diretora da escola, Alessandra Bohm. Ela também é nossa supervisora dentro do ambiente escolar, nos auxilia na organização das aulas, solicitando alguns materiais e nos dando a liberdade de escolher o local que utilizamos a cada aula.

Uma das comunidades onde a maioria dos alunos vivem se chama Grande Cruzeiro, é um dos locais mais populosos de Porto Alegre, agrega cerca de 40 vilas, estas abrigam em torno de duzentas mil pessoas. Alguns discentes se mostram descontentes em viver naquele



local, isso se dá pelo pré-conceito da população que mora na cidade. “E esta segregação social em relação àquele espaço mostra que a cidade formal mantém há muitos anos uma visão contrária à favela, como se ela produzisse uma contaminação social no meio urbano.” (ÁVILA, 2006, p. 38) Percebemos que deveria ser mostrado um outro lado da comunidade, ir além do senso comum e aquilo que a mídia nos mostra, ouvir o que os moradores daquele local tem a nos dizer. No livro a Memória dos Bairros, que foi organizado pela Prefeitura de Porto Alegre, achamos importante destacar uma fala de um morador:

É uma vila de trabalhadores que lutam em prol do bem seu, de sua família, pessoas que riem, choram, brigam, mas que são seres humanos, iguais como qualquer outros cidadãos, que [não gostariam] de ser tachados de vileiros. [...] Somos cidadãos porto-alegrenses, como qualquer outro. (FOGUEZZI, 2006, p. 49)

Destacamos essa fala, pois notamos que os moradores percebem que devem ser ouvidos e que também fazem parte da história da cidade a qual pertencem. Essa comunidade que a maioria dos discentes vivem deve ser valorizada.

A escola atende alunos desde educação infantil até o último ano do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde, envolvendo alunos de cinco a quinze anos. No prédio principal ficam as salas de aula, o auditório, um ginásio, a biblioteca, uma sala de informática, a sala dos professores, a secretaria e salas destinadas à equipe diretiva. Nos corredores da escola, há cartazes com regras destinadas aos alunos e trabalhos de algumas turmas da escola.

A gestão da escola é composta por uma diretora, duas vice-diretoras, sendo que uma atua no turno da manhã e a outra no da tarde. A vice-diretora também tem a função de coordenação pedagógica nos dois turnos. Há também duas orientadoras educacionais, uma trabalha pela manhã e a outra à tarde.

A maioria dos alunos, como já foi citado anteriormente, vem das Vilas Tronco e Cruzeiro, assim como moradores do próprio Bairro Medianeira e dos bairros vizinhos, Glória, Partenon, Cascata, Teresópolis. Em relação à participação dos familiares na vida escolar dos alunos, percebemos que são mais frequentes apenas na entrega de boletins. Acreditamos que isso vem a ocorrer devido à grande quantidade de trabalho dos pais.

Ao pesquisarmos a história da escola, descobrimos que sua criação aconteceu devido a um pedido de moradores dos bairros Teresópolis e Glória que reivindicaram junto ao poder público a necessidade de uma escola na região. Primeiramente, chamava-se Grupo Escolar



Glória, pois nessa época ainda não havia distinção entre os bairros Glória e Medianeira. A escola foi inaugurada na década de 1920, em 1937, mudou seu nome para Grupo Escolar Protásio Alves, mas em virtude do dia do panamericanismo, dia 14 de abril de 1939, a escola mudou novamente de nome, para Grupo Escolar Venezuela, por se considerar que o Brasil orgulhava-se de contar com a amizade sincera dos países vizinhos, pátria de Simon Bolívar.

Pierre Nora (1993) fala do conceito de “lugar de memória”. Nesse sentido entendemos a escola como um lugar de memória que tem uma história muito rica, principalmente por manter vínculos com o País Venezuela. Em 1942, a instituição mudou sua arquitetura e quem fez o novo projeto foi Demétrio Ribeiro. Ao consultarmos a documentação, encontramos registros guardados, fotos de anos distintos e muitíssimos telegramas do início de sua história e referentes, também, a seu contato com a Venezuela. Há no acervo o hino da escola, composto por Lila Ripoll, que foi pianista no seu tempo, e também sobre a vida da compositora, partituras e recortes de jornais sobre o mesmo.

Os documentos estão guardados na secretária da escola dentro de um armário, sem visibilidade para os seus integrantes. Os alunos não têm acesso a esse material, por não saberem da sua existência. Embora eles não tenham contato com o material, nós conseguimos com que os alunos trabalhassem e manuseassem esse arquivo da escola. Nos chama a atenção que a história de todos esses anos da escola se resume a uma caixa e uma pasta onde estão guardados os documentos que contam sua história. São eles: algumas fotos, reportagens de jornais, a partitura do hino, a flâmula, ou seja, poucos fragmentos dessa história. Nesse sentido, avaliamos que o acervo documental do Venezuela pode daqui para frente ser tratado com mais cuidado e ter maior visibilidade para os discentes e docentes. É importante construir um acervo documental em boas condições, com instalações adequadas que não ponham em risco a preservação dos documentos. Precisamos evitar a afirmação de Pierre Norá, ao dizer que “os lugares de memória são antes de tudo restos” (Norá, 1993, p. 12).

Discutindo o ensino de História nos anos iniciais

Antes de iniciarmos o planejamento para as aulas de 2012, analisamos a lista de conteúdos. A partir daí, foi possível perceber que o plano de curso da Escola Venezuela, no que se refere ao ensino de História, tem seu foco voltado para as datas comemorativas, algo que nos provoca um estranhamento, pois se distancia daquilo que estudamos na graduação.



Nesse sentido, Bergamaschi explica como o ensino de história nas escolas, nas séries iniciais, ainda enfatiza a comemoração de datas, lembrando do passado sobre um único viés, o eurocêntrico, e de forma descontextualizada, complementa dizendo que desse modo “[...] a escola está contribuindo para canonizar uma verdade, naturalizar uma narrativa, onde não cabe a multiplicidade e nem tampouco a vida das pessoas que a estudam.” (2000, p.22).

Diante de tudo o que lemos e discutimos sobre o assunto, passamos a entender que o ensino de História deve estar voltado para aqueles que têm suas histórias marginalizadas, esquecidas. Durante muito tempo, era apenas valorizado os feitos dos chamados “grandes homens”. Assim, definimos trabalhar com a memória dos alunos e a da escola, para fugir do que tradicionalmente é ensinado naquele estabelecimento de ensino, apenas focado nas datas comemorativas e na história dos “outros”. A partir do que Gil e Almeida discutem, salientamos que

Os alunos precisam perceber como sua vida está relacionada a vida dos pais, dos avós, dos colegas, por exemplo. Ao incentivá-los a partilhar suas vivências, os professores contribuem para promover uma aproximação do conceito de alteridade, o interesse pelo “outro”, ou seja, favorecem uma espécie de descentramento. [...] Todos fazem parte da história, que não deve ser vista como privilégio de um setor específico da sociedade. Mulheres e homens comuns necessitam ser entendidos como partícipes e construtores das histórias que vivenciam. (2012, p. 71)

Além do ensino pautado em datas comemorativas, percebemos que a lista de conteúdos da escola também apresenta a metodologia dos círculos concêntricos que segue uma “teoria linear do desenvolvimento infantil” (BERGAMASCHI, 2000), definida do próximo para o distante, do mais simples para o mais complexo, do concreto para o abstrato. Bergamaschi faz críticas a essa metodologia, afirmando os riscos de:

[...] simplificação exagerada, em que o estudo da realidade não ultrapassa o senso comum e a organização dos conteúdos finda por constituir uma espécie de camisa de força, impedindo a reflexão e a implementação de propostas de ensino que priorizem de conceitos-ferramentas necessários à constituição da cidadania. (BERGAMASCHI, 2000, p. 23)

Com base na afirmação da autora, buscamos outras possibilidades de abordar o ensino de História. A partir das nossas oficinas, optamos por trabalhar com a memória dos alunos nas turmas do quarto ano do Ensino Fundamental, pois as crianças também têm memórias e histórias para serem contadas. Com essa proposta, rompemos com os círculos concêntricos



que definem que as memórias dos alunos são trabalhadas somente no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Memória: Construindo Patrimônio, meu e dos outros

Fizemos uso de um caderno para registro dos alunos, eles o utilizavam como um diário. Escreviam aquilo que para eles era mais significativo, acontecimentos na escola e fora dela, assim como o que ocorria nas oficinas do PIBID. No final do ano letivo os entregamos aos alunos, para que continuassem escrevendo sobre suas vivências. Eles ficaram muito empolgados por poderem levar os cadernos, alguns diziam que iriam usar como diário, como uma forma de continuar registrando suas memórias.

Para dar início ao trabalho sobre patrimônio cultural, optamos por trabalhar com a memória dos alunos, pretendíamos através das atividades que eles percebessem que a sua história também é um patrimônio. Nesse sentido, Bergamaschi nos ajuda a refletir pois,

[...] A história de vida de cada aluno deve ser a referência para localizar o tempo na história: quando nasceu, sua idade, os acontecimentos que marcaram sua vida. [...] Construir o passado de cada aluno, inserindo-o em uma memória coletiva. (BERGAMASCHI, 2000 p. 32)

Para trabalhar com a história dos alunos, realizamos uma atividade como motivação prévia, em que eles tiveram que escrever uma lembrança antiga que viveram, fazendo uma busca em suas memórias. Dessas escritas destacamos as seguintes:

Lembrança Aluno A - “Eu me lembro do meu cachorro Ysnup que morreu com leptospirose, quando eu recebi a notícia eu chorei muito e é essa lembrança que eu tive a raça dele era dalmata. Eu tinha quando ele morreu 8 anos agora eu tenho 10 anos.”

Lembrança Aluno B - “A lembrança que marcou na minha vida quando eu ganhei a medalha na ginástica. E a que também marcou na minha vida quando eu ganhei uma boneca negona esse foi o que me marcou.”

Lembrança Aluno C - “Um ursinho de pelúcia que era da mãe da mãe da minha mãe e que agora ele é meu e nos meus 3 anos eu ganhei a minha primeira sapatilha e eu tenho até hoje.”

Nessas falas nos chamaram atenção pela emoção que as crianças trazem em seus relatos. Na lembrança do aluno A, percebemos uma relação afetiva dele com seu animal de estimação, nos pareceu que foi seu primeiro contato com a morte. Já na segunda fala vemos



que o aluno valoriza o fato de ter ganho uma boneca negra, tendo em vista que não é comum nas lojas ter este tipo de brinquedo e quando há não possui as devidas características do negro. Sendo este um aluno negro percebemos que ele se sentiu representado por este objeto, e o marcou de tal forma que escolheu esta lembrança para ser registrada nesta atividade. Na escrita do aluno C constamos a noção de tempo desta criança ao compreender que o ursinho de pelúcia que ela ganhou pertenceu aos seus antepassados. Segundo a autora Ecléa Bosi que estuda o autor Violette Morin, este que pesquisa sobre objetos biográficos trás a ideia de que esses objetos são assim denominados:

[...] pois envelhecem com o possuidor e se encorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma experiência afetiva do morador. (2003, p. 26)

Essa atividade foi positiva, pois os alunos trouxeram memórias e puderam perceber o quanto suas lembranças são valiosas. Nós, no papel docente, refletimos que as crianças também têm memórias e essas devem ser valorizadas.

Na sequência, fizemos a leitura do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes (Mem Fox, 1996), um menino que era vizinho de um asilo de velhos e sua intenção era ajudar Dona Antônia a recuperar sua memória, pois todos diziam que ela havia esquecido. Para isso, ele resolveu fazer perguntas para entender o significado de memória, para pessoas mais velhas, as quais viviam no mesmo asilo que Dona Antônia. O menino descobre, ao perguntar, que a memória pode ser algo que deixa triste, feliz, algo quente, com muito valor, etc. A partir das respostas obtidas ele reúne objetos que tinham relação com o que os moradores do asilo disseram. Quando os entrega à senhora ela ressignifica atribuindo-lhes outro sentido, tornando estes objetos evocadores de memórias.

Utilizamos como recurso didático um baú com os objetos citados no livro. São eles: medalha, bola de futebol, conchas, marionete e ovo. Trabalhamos com essa narrativa para que os alunos compreendessem o conceito de memória e tomassem consciência de que eles também a têm, pois esta não é uma prerrogativa apenas dos mais velhos. Esse livro serviu como inspiração para que as turmas criassem o seu baú de memórias.

Cada aluno levou uma caixa e objetos que fossem significativos e fizessem parte da sua história de vida, usamos memórias materiais que serviram como evocadoras para que



outras memórias se transformarem em lembranças. Após a construção desses acervos pessoais, os alunos apresentaram suas caixas aos colegas, dividindo um pouco de sua história. Cabe destacar que as nossas memórias não são espontâneas, todos precisamos de evocadores que possam estimular o processo de lembrar. Esses podem ser sensoriais como a música, um aroma, um sabor, entretanto nessa atividade nos detivemos nas memórias materiais.

Nesse momento propusemos aos alunos que utilizassem o caderno como forma de registro do seu cotidiano, nossa ideia era que ele se transformasse em algo pessoal, que pudessem utilizar da maneira que preferissem. A cada aula poderiam, ou não, escrever algo que havia acontecido na aula ou na semana, alguns optaram por desenhar, entendemos que o desenho também é uma forma de registro. Por ser pessoal, não era necessário que lêssemos, pois perderia a característica de diário, então quem quisesse e se sentisse a vontade poderia nos mostrar.

Depois de trabalharmos com as memórias e vivências dos alunos, passamos a outra etapa do projeto, as memórias da Escola Estadual Venezuela. Queríamos mostrar aos alunos que a escola que eles estudavam também é um patrimônio. Assim, o prédio, objetos, memórias de alunos, professores, funcionários, cadernos, livros, papeis de todas as ordens constituem patrimônios da educação daquela escola.

Realizamos uma atividade em que cada aluno teria que fazer três desenhos da escola, cada aluno recebeu três folhas de ofício onde deveriam desenhar como imaginavam que a escola era no ano de 1924 (ano em que foi fundada), 1970 (ano em que seus pais, avós estariam estudando lá) e em 2012 (ano em que eles estavam estudando). Queríamos mostrar aos alunos que a Escola Estadual Venezuela também é um patrimônio e nela existem muitas memórias, pois já havíamos trabalhado com o patrimônio pessoal deles e nesta etapa do projeto o nosso foco era a escola, suas memórias.

Ao fim da atividade, comparamos os desenhos com as fotos que conseguimos nos arquivos da escola que representavam duas épocas, a de 1924 e 1970, não havia foto de 2012 no material pesquisado, por isso propomos que fosse registrado um momento daqueles alunos, nosso objetivo era que percebessem que a última foto era a representação da etapa na qual estavam. Por isso no final da atividade perguntamos em qual local gostariam de tirar a foto que ficou guardada como lembrança. Uma turma solicitou para que fosse na sala de aula, em frente ao quadro negro, já as outras duas preferiram tirar a fotografia na quadra de esportes da escola.



Tiramos a foto da turma para ser guardada às gerações seguintes. Mostramos aos alunos as fotos da escola que tinham no arquivo da instituição, as reações foram unânimes, eles acharam muito diferentes as roupas e os uniformes, pois na época daquelas imagens ainda usavam uniforme, o que hoje não vemos com frequência. No decorrer da atividade, ao mostrarmos as fotos aos alunos, perguntamos quais as semelhanças entre elas e os seus desenhos, e o que havia mudado na escola do passado até os dias de hoje. Um dos alunos ao fazer o desenho disse que não o pintaria, pois aquela época que ele estava representando era tudo preto e branco, nesta fala percebemos a comparação que este aluno faz com as fotos do momento que estava representando, que não eram coloridas. As crianças constroem suas concepções acerca do tempo e do passado, para aqueles discentes as épocas das fotos que apresentamos à eles são muito distantes deles e do presente, no seu entendimento faz muito tempo. Na primeira proposta, eles teriam que desenhar o que havia no terreno da escola antes de ela ser construída, a maioria desenhou um cemitério, isso nos causou certa curiosidade, mas durante as aulas as crianças foram relatando as lendas que ouviam dos alunos mais velhos daquela instituição, que acreditavam ser verdadeiras.

Outra atividade que planejamos com o intuito de estudar a escola foi um “caça ao tesouro” em que pretendíamos fazer com que os alunos conhecessem e reconhecessem a história da escola e o espaço físico de uma forma lúdica, queríamos que as crianças pudessem explorar o ambiente escolar e conhecessem o acervo. O prêmio era um baú com itens pertencentes à história da instituição como por exemplo: a partitura do hino, uma flâmula, um livro com memórias dos moradores da Vila Cruzeiro, dinheiro de papel e pirulitos. Os grupos iam seguindo pistas que ao fim os levavam até o baú, essas indicavam lugares que tivessem relação com os itens que estivessem no baú que os alunos deviam achar. Ao longo dessa exploração eles puderam conhecer locais que não frequentavam cotidianamente ou não tinham um olhar atento sobre aqueles espaços, com essa proposta os alunos puderam, além de conhecer um pouco da história da escola, ver que fazem parte dela.

Desde o início, o objetivo do projeto era estudar Patrimônios Culturais, optamos por evidenciar o Patrimônio imaterial, do qual as memórias fazem parte. Pelo fato de a maioria das crianças que estudam naquela escola fazerem parte da comunidade Vila Cruzeiro, e a história deste local não consta no que é estudado pelos alunos no quarto ano do Ensino Fundamental, apenas estudam os principais pontos da História da cidade de Porto Alegre. Isso acaba fazendo com que os alunos não se sintam integrantes dessas memórias,



Na continuidade do trabalho procuramos desenvolver com os alunos a compreensão de que as memórias pessoais deles e as memórias da escola não existem de forma isolada. Os alunos e a própria escola estão inseridos em outras redes de convivência, nesse sentido escolhemos planejar ações que envolvessem histórias da comunidade e da cidade de Porto Alegre, privilegiando a história do povo negro no município.

Considerações Finais

Através do trabalho que essa temática propõe, podemos concluir que a memória dos alunos não deve ser trabalhada somente nos primeiros anos do Ensino Fundamental. A vivência dos alunos deve ser valorizada em qualquer faixa etária, perceber o que esses alunos têm a nos contar é importante para que sintam-se a vontade para dividir suas experiências conosco, demos liberdade a esses estudantes, essa que normalmente não é dada na escola. Constatamos também que criança tem memória não apenas do seu tempo, mas também uma memória que vai além, das pessoas mais velhas que convivem com ela. Mesmo tendo vivido poucos anos tem muito que contar, então notamos o quanto não é valorizado o que eles sabem, por pensar ser uma memória rasa.

Ao trabalhar com a escola pudemos enfatizar que aqueles alunos também fazem parte da história daquela instituição e que daqui alguns anos eles que irão fazer parte dos arquivos daquele espaço. Esses alunos são peças essenciais nessa história, e conseguimos mostrar isso a eles. O que precisa ser feito é a escola começar a valorizar essas memórias, para que os alunos se sintam integrantes daquele lugar.

Valorizar a escola, assim como a comunidade não é algo que percebemos no âmbito escolar comumente, principalmente o trabalho com a história da comunidade. Percebemos que era necessário valorizar o local que esses alunos moram, que compõe as suas histórias. Quando demos notoriedade ao lugar onde esses discentes vivem começaram a falar sobre onde moravam, e ter orgulho deste lugar.

Com esse trabalho aprendemos muito como futuras professoras, aprendemos principalmente a valorizar as histórias dos alunos e também as nossas. Eles nos contaram um pouco da vida deles e nós docentes contamos a nossa história também, criando um laço com aquele lugar e com aquelas crianças, foram momentos de troca. Paulo Freire (1996) diz no livro *Pedagogia da Autonomia* que “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o



autor escreve sobre como é importante aproveitar a experiência dos alunos no decorrer das aulas, vivenciar uma aula que considera os seus conhecimentos prévios, seus interesses e a sua realidade. E partindo do que eles já conhecem, além de motivador, faz com que o sujeito que frequenta a escola possa debater sobre o que está ocorrendo no local onde vive. É importante que possamos gerar seres críticos e não apenas depositar o conteúdo neles, achando que assim estarão tendo uma aprendizagem significativa.

Ao final deste trabalho percebemos o quanto foi importante o trabalho com as memórias dos alunos, da escola e da comunidade. Conseguimos romper com os círculos concêntricos, trabalhando essas temáticas com os quartos anos do ensino fundamental, onde geralmente estudam a cidade de Porto Alegre. Constatamos com esse projeto, a partir dos relatos dos alunos que eles se sentiram parte da história da escola e também da cidade. E isso foi importante para o desenvolvimento de cada criança e a aprendizagem foi significativa aos nossos olhos.

Referências

ÁVILA, Fátima (Coord.); ARAÚJO, Jeferson Rasquim [et. al.]. **Memória dos Bairros: Vilas da grande cruzeiro**. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC, 2006.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. O tempo histórico no ensino fundamental. In: HICKMANN, Roseli Inês. **Estudos sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 21-34.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. Erechim: Edelbra, 2012.

NORÁ, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In. Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, p. 07-28, 1993.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013